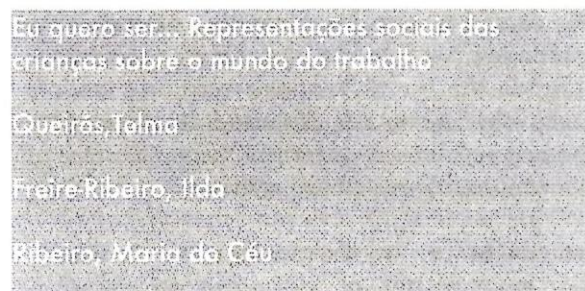


contemporâneas relativas à temporalidade e à noção de formação. A partir disso, temos nos perguntado conjuntamente com os jovens sobre as razões que os levaram a escolher o Cefetce e qual a idéia de profissionalização presente nesse processo, tendo algumas questões centrais, como: no momento de ingresso, há a percepção de que fazem uma escolha profissional? Estariam estes jovens desiludidos com a escola, em específico esta que se apresenta a eles de formas diferentes? Durante a realização dos cursos escolhidos vão desistindo do sonho de ingressar na universidade? Mudam sua relação com o trabalho ao longo do curso?



Resumo

A necessidade de um olhar mais atento e verdadeiro acerca das crianças e do seu modo de pensar e de agir tornou-se mais evidente a partir da segunda metade do século XX. De facto, o estudo do quotidiano e das formas como as crianças interagem com os seus pares começou a assumir relevância em determinados domínios do saber, conferindo visibilidade sociológica à infância e constituindo as crianças como sujeitos sociais. A partir desta perspectiva a criança constitui-se como actor da sua própria socialização nas relações com os seus pares e nas relações com os adultos, logo se justifica a premissa da mesma ser investigada de acordo com a sua maneira de compreender o mundo e através dos seus olhares.

Partimos do pressuposto que o contexto escolar, social e familiar exerce alguma influência na construção de determinadas representações sociais pela criança sobre vários assuntos e conceitos, nomeadamente sobre a ideia de trabalho e emprego no futuro e também na estruturação da sua identidade. Estas influências são formadas a partir das experiências de cada um e, transversalmente, através dos modelos de pensamento

que a própria sociedade lhes fornece (Jodelet, 1993). Deste modo, as representações sociais constituem um valioso instrumento de investigação pois favorecem uma explicação sobre o comportamento das pessoas envolvendo questões sociais, psicológicas e cognitivas.

Sabendo que a investigação com crianças “não requer técnicas «especiais» mas, simplesmente, uma aplicação rigorosa de exigência metodológica geral (...)” (Christensen & James, 2005: X) utilizada para estudar tanto os adultos como a infância e com o intuito de conseguirmos captar as representações sociais das crianças, pretendemos questioná-las, enfatizando o seu discurso e a sua opinião sobre o mundo do trabalho e as representações que dele possuem. Para tal, convocámos para a nossa pesquisa, 40 crianças do 4.º ano de escolaridade do 1.º Ciclo do Ensino Básico, de duas escolas públicas do distrito de Bragança. Neste entender, sob o ponto de vista epistemológico e tendo em conta o objectivo deste estudo, optou-se por utilizar um questionário composto por questões simples e de múltipla escolha.

Os resultados, a análise e a interpretação dos dados, bem como as suas implicações científico-pedagógicas, serão apresentados na comunicação.

Résumé

Nous souhaitons une plus grande humanisation des relations humaines dans tous les contextes, de vie, de travail et d'Education, mais en particulier à l'école.

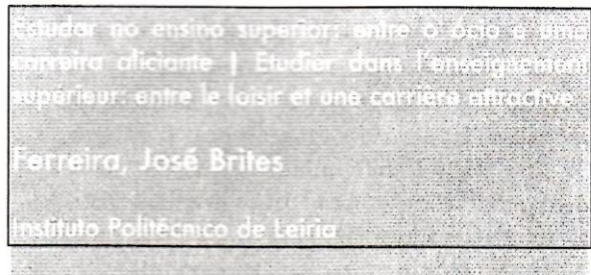
Au niveau des Sciences de l'Education, on donne plus d'importance à la pensée, à l'interrogation et à l'apprentissage traversée de discours hybrides et paradoxaux, dans le but de restituer à l'éducation un scientisme autour de rationalités émotionnelles, communicatives, critiques et émancipatrices.

A partir des recherches sur les discours au niveau de l'autonomie, qui nous ont menée à (d) énoncer l'autonomie scolaire, nous avons poursuivi le principal objectif de comprendre la genèse, l'implantation et le développement de l'autonomie, dans le micro cosmos scolaire, advenant de l'application du modèle d'autonomie à l'école publi-

que (Décret-loi 115-A/98). Le présent travail est une analyse critique et compréhensive de la genèse de l'autonomie scolaire, en ce qui concerne de l'école portugaise, particulièrement du lycée portugais. Le travail aborde fondamentalement les conceptions et les représentations de l'autonomie, mais aussi les tensions, les conflits et les paradoxes engendrés au sein de l'univers scolaire, qui (d)énoncent les possibilités et les exigences pour construire une agence humaine adroite et mobilisée dans un environnement politique convenable. On suppose que l'autonomie est moderne, et que les individus comprennent ce concept à travers leur propre expérience mais aussi par la modernité tardive et critique, selon laquelle l'autonomie se déploie à l'école. Cette supposition nous mène à défendre la genèse et crise simultanée de l'autonomie scolaire et à définir un point central pour le développement de l'autonomie.

Du point de vue théorique, et à partir d'une perspective interactionnaire, il s'agit, à propos de l'autonomie, d'un phénomène en changement. A partir de l'analyse et de l'encadrement de l'école, comme une organisation complexe et spécifique, mais aussi comme un espace relationnel et affectif, part excellence, nous prétendons discuter l'organisation éducative, en appelant aux contributions des théories organisationnelles et communicationnelles, en tenant compte les questions de l'autonomie, à travers le développement des visions qui déploient la communication et l'esprit critique et ethnique des éducateurs (acteurs éducatifs). Il s'agit donc d'un sérieux compromis de l'école envers la formation des individus et la démocratisation de la démocratie, en tant qu'organisation communicative autonome.

Selon cette perspective de recomposition paradigmatique ou de réconciliation sociale, nous savons qu'il est extrêmement urgent que ceux qui acceptent le gouvernement de l'école occupent une position plus courageuse et civique, étant capables de s'engager et de mobiliser les éducateurs, pour que l'autonomie scolaire soit possible et désirable.



Resumo

A escola e o mercado de trabalho vivem hoje situações conturbadas. As pressões do mercado sobre a escola são enormes. De uma relação marcada pela previsibilidade passou-se para uma relação dominada pela incerteza. As críticas que o mercado faz à escola são muitas e de natureza diversificada. Ao mesmo tempo, assistimos a uma certa desvalorização dos diplomas escolares e ao aparecimento de novas formas de certificação e validação de saberes e competências.

As mudanças e transformações no ensino superior mostram que as instituições de ensino superior vêm sendo pressionadas a sair das "torres de marfim" e a adoptar novas formas de estar e agir na sociedade e no mercado. A massificação do ensino superior alterou a composição dos públicos que o frequentam e que, hoje, a ele acedem por vias diferentes e também com objectivos diferentes.

No caso de Portugal, uma das mudanças mais significativas das últimas décadas foi o crescimento do ensino superior. Mas, ao mesmo tempo, alguns falam de licenciados ou doutores a mais e da falta de quadros intermédios. A ambiguidade destes discursos é grande e perigosa.

Por isso, parece-nos pertinente questionar: o que leva hoje os estudantes ao ensino superior? É neste contexto que damos conta de resultados de uma pesquisa de âmbito nacional, desenvolvida no Centro de Investigação de Políticas do Ensino Superior - CIPES -, em que os estudantes do ensino superior foram questionados sobre as razões que os levam a ingressar neste nível de ensino.